

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

PSICANÁLISE DA ESPÉCIE: A RECAPITULAÇÃO E A INTEGRAÇÃO EVOLUTIVA DOS DESENVOLVIMENTOS INDIVIDUAL E COLETIVO DO SER-HUMANO.

Eduardo Augusto Pavani (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Helio Honda (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: eduardo.o.pavani@gmail.com.

Palavras-chave: Psicanálise. Evolucionismo. Herança arcaica. Ontogênese. Filogênese.

Há vários séculos no curso da produção intelectual ocidental, vemos um curioso interesse entre pensadores de várias áreas sobre a possibilidade de se estabelecer relações e analogias entre a vida contemporânea e a dos tempos remotos. O contraste gerado pela oposição de arcaico, rudimentar ou primitivo de um lado, e sofisticado, complexo ou moderno de outro, parece importar grandemente nesse sentido. Grosso modo, é comum encararmos as coisas de um modo tal que a dupla antigo-novo torna-se correlato ou mesmo sinônimo de simples-complexo. Isso nos leva à questão de por que algo vem a se complexificar, se uma sucessão temporal for afeita a esse suposto movimento de sofisticação da vida, como o velho se transforma em novo, e o que de um existe no outro. Não obstante o esforço desempenhado com esse intuito, ainda hoje a questão do que a pré-história tem a dizer sobre a atualidade, e vice-versa, perdura, sobretudo nos termos da biologia evolutiva e mais recentemente, da genética. Procurar por um registro ancestral a nível orgânico, genético, ou, como proporemos adiante, psíquico, qualifica-se como mais que uma mera construção histórica, como uma genuína busca daquele conjunto de características a que se chama natureza humana, ou mais amplamente, de vida. Nesse ponto, não podemos desprezar em termos epistemológicos o modo com que a relação entre passado e presente influi na construção teórica além das ciências bioevolutivas, galgando importância em outros campos tais como medicina, antropologia e mesmo filosofia e ciências sociais. Ainda que não diretamente, essa influência alcança sua expressão máxima a partir do momento que consideramos que em busca dessa relação estamos dissertando e assumindo um tipo específico de olhar sobre a história humana e os modos segundo os quais ela pode vir a se transformar.

Desde pelo menos o século XVIII a zoologia comparada e a embriologia estudam indivíduos de várias espécies animais a fim de se verificar o que de comum pode haver entre estruturas de seres “inferiores” e “superiores”. Autores como por exemplo Oken (1779-1851),

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Meckel (1781-1833) e von Baer (1792-1876) pavimentam o caminho para que embriologistas, etólogos e naturalistas em geral pensassem cada vez com mais interesse numa hipotética linha de sucessão natural, em que as espécies mais complexas são precedidas por outras mais rudimentares (AMUNDOSN, 2005; CAPONI, 2007); o conjunto da produção de autores como tais pode ser descrito através da seguinte afirmação: “Um conceito estritamente linear da natureza, uma corrente única da existência – uma *scala naturae* – era geralmente aceita no começo do século XIX”. Com o fortalecimento das teorias evolucionistas, cujo clímax é darwinismo do final do século XIX, a especulação ganha novo teor, e a ideia de uma sucessão linear dá lugar a um esquema ramificado em que a adaptação é mandatária para a sucessão das espécies, e não mais um necessário aumento de complexidade. Ainda assim, a ideia de que o velho está contido e é revivido pelo novo é bastante marcante, de modo que mesmo Darwin (2013), falando já em nome de uma nova ciência evolutiva, refere-se aos fenômenos de involução, regressão ou má-formação, sublinhando a semelhança que os órgãos acometidos mantêm com as de animais menos sofisticados (DARWIN, 2013).

Adiante, século XIX adentro até a virada do século XX, encontra-se o ápice de toda essa discussão sobre como o velho poderia determinar ou meramente residir no novo, que vem pelo trabalho de Ernst Haeckel (1834-1919). A assertiva fundamental da discussão assentada por ele, e em que nos propusemos a engendrar, é a seguinte: “a ontogênese repete a filogênese” (SANDER, 2002; ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 2017). A teoria da recapitulação de Haeckel acabou relegada ao descrédito em termos de sua validade científica, principalmente devido a controvérsias sobre se o naturalista teria fraudado suas amostras de embriões. De todo modo, o valor heurístico dessa formulação é imenso, seja para aqueles que se dispuseram a corroborar sua afirmação, seja para aqueles que se empenharam em desbancá-la de uma vez, e lança seus ecos ainda hoje, o que se pode verificar pela continuidade do debate no escopo das produções neodarwinista, uma vez que, apesar dos argumentos que pesam contra, a teoria de Haeckel não pode ser fundamentadamente desprezada em sua totalidade.

Mas a importância dessa figura vai ainda além das teorias neodarwinistas, de sorte que se pode encontrar lampejos de uma tradição hackeliana também na psicanálise (BOLENS, 2001; ASSOUN, 1983). Torna-se compreensível esse fato se levarmos em conta a formação de Freud e os seus trabalhos pré-psicanalíticos, que inclui uma proximidade intelectual notável com uma comunidade acadêmica bastante afeita às novidades em termos de produção

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

evolucionista, o que abarca Haeckel (ADES, 2001). A teoria da recapitulação de Haeckel aparece em Freud de maneira bastante sutil e deformada, por assim dizer, transmutada no princípio de conservação da pré-história individual (a infância) e coletiva (filogenética) no psiquismo humano. Freud demonstra explicitamente essa ideia em algumas situações pontuais, como por exemplo em *O mal-estar na civilização* (1930), e de forma bastante alegórica. No texto em questão, é feita uma analogia em que se emparelha ao psiquismo humano uma cidade em que todos os edifícios ali erguidos, durante todo e qualquer período, existem e ocupam uns o espaço de outros – isto é, em que as estruturas adquiridas e desenvolvidas em tempos remotos coexistem com a vida contemporânea (FREUD, 2010). Mas ainda que não apareça de forma explícita, essa noção acha-se bem conservada ao longo da produção freudiana, e acaba por se caracterizar como um importante recurso da psicanálise, sobretudo nas análises empreendidas por Freud a respeito do desenvolvimento da cultura, ou mais amplamente, das relações que os seres-humanos conservam uns com os outros. Freud fundamenta em várias ocasiões sua argumentação em mitos como o da horda primeva (termo emprestado de Darwin para se referir os agrupamentos humanos pré-históricos) e sua relação com o pai primevo, na constituição sexual infantil e o que nela remete ao animalesco, e em toda sorte de produção advinda da biologia evolutiva e outras ciências correlatas (FREUD, 2010; FREUD, 2017a; FREUD, 2017b). A relação entre ontogênese e filogênese é um recurso a que Freud lança mão a fim de garantir unidade à psicanálise, que se empenha de um lado a analisar a vida humana coletiva, de outro, individual (WINOGRAD, 2007).

Mas não tão somente: do modo como é concebida pela psicanálise, pode se apresentar como uma interessante via de (re)encontro para os diferentes prismas pelos quais se pode dissertar sobre a história e natureza humana. Procuramos expor em detalhes em nosso trabalho a maneira com que essa suposição pode ser tomada como plausível, de acordo com aquilo que vários campos distintos demonstram, passando por embriologia, biologia evolutiva, arqueologia e psicanálise em si. Nosso esforço justifica-se, assim, pelo intuito de oferecer um termo de coesão entre as ciências naturais e sociais, a fim de se conferir ao conhecimento sobre os atributos humanos uma perspectiva mais integralista entre os polos cultural e biológico. Para tanto, nosso empreendimento assenta-se na proposta de uma revisão histórica dos conceitos e ideias que compõem o núcleo da discussão até o advento da psicanálise, seguida por uma inspeção na obra freudiana dos principais momentos em que

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

essas questões vêm à tona, a saber: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *O Eu e o Id* (1923) e *O mal-estar na civilização* (1930). Também nos propomos a correlacionar o que aparece nesses textos com o que depreendemos do estudo das ciências naturais que dissertam de algum modo sobre o assunto, a fim de especular a validade da interação filogênese-ontogênese indicada por Freud.

Esperamos, no mais, chamar atenção daqueles comprometidos com a psicanálise às questões encaradas por Freud e por alguns de seus colegas, como Ferenczi, como a base de toda discussão ulterior a respeito do funcionamento do psiquismo a nível individual e coletivo. O curso bioevolutivo percorrido pelo gênero *Homo* até que os mecanismos típicos do psiquismo assumissem sua forma moderna, uma linha em que o surgimento da cultura é apenas um de seus vários intercursos, com atributos precedentes essenciais para sua conformação da maneira como conhecemos, incluindo todos os universais da cultura postulados por Freud, como o tabu do incesto.

Argumentamos em favor da história mítico-científica contada por Freud, que é mais que um simples capricho ou uma fraqueza na solidez teórica da psicanálise. É um esforço de superação da dicotomia biológico-cultural que obsta e secciona áreas do conhecimento que se historicamente se isolam de contribuições mútuas. Ou seja, é um importante marco epistemológico de aproximação das histórias biológica e cultural, coletiva e individual, no sentido de manter sempre em horizonte um esquema complexo de influências em que nem tudo na biologia passa incólume pela cultura, assim como a cultura não destoa de tudo do biológico, onde encontramos suas bases, na medida em que essas esferas complementam-se reciprocamente, de acordo com uma compreensão evolutiva ampla de todos os caminhos que nos trouxeram até aqui, isto é, a última espécie do gênero *Homo* a povoar o planeta, em todas suas particularidades.

Referências

ADES, C. Freud, as enguias e a ruptura epistemológica. **Psicologia Usp**, [s.l.], v. 12, n. 2, p.125-135, 2001.

AMUNDSON, R. **The changing role of embryo in evolutionary thought**. Nova Iorque, EUA, Cambridge University Press, 2005.

ASSOUN, P. L. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

BOLENS, J. D. La théorie de la récapitulation de Haeckel à Freud. **Topique**, [s.l.], v. 75, n. 2, p.13-34, 2001.

CAPONI, G. El retorno de la ontogenia: un conflicto de orden natural en la biología evolucionaria actual. **Scientae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.9-34, mar. 2007.

DARWIN, C. **The origin of species**. Cambridge, Inglaterra: Wordsworth, 2013.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA (Inglaterra). **Biogenetic law**. Disponível em: <http://academic-eb-britannica.ez79.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/biogenetic-law/79254>. Acesso em: 24 nov. 2017.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: _____. **O mal-estar na civilização, conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**, vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

_____. O Eu e o Id. In: _____. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**, vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a. p. 13-74.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**, vol. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b. p. 13-172.

KLUGE, A. G.; STRAUSS, R E.. Ontogeny and Systematics. **Annual Review Of Ecology And Systematics**, [s.l.], v. 16, p.247-268, 1985.

SANDER, K. Ernst Haeckel’s ontogenic recapitulation: irritation and incentive from 1866 to our time. In: Symposium “Evolutionsbiologie: von Meckel zum Genom”, 97, 2002, Saale, Alemanha. **Annals of Anatomy**, Friburgo, Alemanha: Urban & Fischer Verlag, 2002. p. 523-533.

WINOGRAD, M. Freud e a filogenia anímica. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Rio de Janeiro, v. 19, p.69-82, jan./jun. 2007.